

Economia

CANAVIEIROS Em plena safra 2018/2019, categoria entra em greve para pedir pagamento de horas de deslocamento

Colheita será suspensa

EDILSON VIEIRA
edvieira@jc.com.br

Os canavieiros de Pernambuco vão entrar em greve a partir da próxima segunda-feira (3). A decisão foi tomada em assembleia na noite da última quinta-feira (29), após 13 rodadas de negociação. Com a paralisação, cerca de 80 mil canavieiros podem suspender a colheita da cana-de-açúcar. O Estado está em plena safra 2018/2019, iniciada em setembro e que segue até março do ano que vem.

O principal ponto de divergência entre os trabalhadores da cana-de-açúcar, os usineiros e os fornecedores de cana é o fim da chamada horas in itinere, que, pela legislação trabalhista, é o tempo gasto pelo empregado, em transporte fornecido pelo empregador, para a ida e a volta até o local de trabalho em locais de difícil acesso e não atendido por transporte público regular. Esse tempo de deslocamento é pago como acréscimo a jornada de trabalho e representada, em média, 20% a mais no salário do empregado. “A greve foi deflagrada porque eles querem acabar com conquistas históricas de nossa categoria”, afirmou o presidente da Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Assalariados Rurais do Estado de Pernambuco (Fetaepe), Gilvan José Antuniss.

NEGOCIAÇÃO

Segundo o sindicalista, se houver a retirada das horas in itinere, além da perda salarial, poderá haver prejuízo para as ações que tramitam na Justiça do Trabalho sobre o tema. “Os patrões



IMPASSE Cerca de 80 mil canavieiros ameaçam cruzar os braços a partir desta segunda (3). Safra segue até março de 2019

condicionaram todo restante das negociações ao fim do pagamento das horas de deslocamento.” Gilvan afirma ainda que abrir mão da remuneração pode dar brechas para que o empregador deixe o trabalhador aguardando, por horas, a chegada e saída do veículo.

A campanha salarial dos canavieiros também discute um novo piso salarial para a categoria. Dos atuais R\$ 970, os trabalhadores pedem um reajuste para R\$ 1.150. “Queríamos dialogar, mas não podemos aceitar nenhum direito a menos”, diz Gilvan.

PRODUTORES

O presidente do Sindicato dos Cultivadores de Cana-de-Açúcar, no Estado de Pernambuco (Sindicape), Gerson Carneiro Leão, diz que paralisações são normais dentro do processo de negociação.

Ele afirma que os fornecedores de cana já pagam o piso salarial proposto pela categoria patronal (de R\$ 1.010), mas que é contra a manutenção das horas in itinere. “O empregador já custeia o transporte dos trabalhadores, é absurdo que ainda haja uma remuneração em ci-

ma disso”, afirma. Gerson defende, no entanto, que exista uma multa caso haja atraso a partir de 15 minutos na chegada do transporte dos trabalhadores. “Fizemos essa proposta, mas os canavieiros rejeitaram”, afirmou o presidente. Pernambuco tem cerca de 12 mil fornecedores de cana, 94% deles de pequeno porte.

A diretoria do Sindaçúcar foi procurada pela reportagem, mas informou, através da assessoria de imprensa, que espera ser comunicada oficialmente da paralisação para se manifestar.

ma disso”, afirma. Gerson defende, no entanto, que exista uma multa caso haja atraso a partir de 15 minutos na chegada do transporte dos trabalhadores. “Fizemos essa proposta, mas os canavieiros rejeitaram”, afirmou o presidente. Pernambuco tem cerca de 12 mil fornecedores de cana, 94% deles de pequeno porte.

FMI

Investimento público é insuficiente

O Brasil tem baixo investimento público em relação a países emergentes e vizinhos, e o que investe tem eficiência menor do que o de outras nações. É a conclusão do relatório do Fundo Monetário Nacional (FMI), divulgado ontem (30).

O documento é resultado de uma visita de técnicos do Fundo ainda em 2017 e traz um diagnóstico ruim para o País mesmo na comparação com economias menos desenvolvidas. De acordo com o FMI, o investimento público foi de apenas 2,1% do PIB entre 1995 e 2015, enquanto nesse período o percentual foi de 6,4% em economias emergentes e 5,5% nos países latino-americanos. “O investimento público é muito baixo. Não há espaço fiscal para atuação mais forte do Brasil na infraestrutura”, admitiu o secretário do Tesouro, Mansueto Almeida.

Segundo o documento, há grande margem para aumento da eficiência do investimento público no Brasil. O Fundo concluiu que há um “hiato de eficiência” no que é investido no Brasil, de 39% em relação aos países mais eficientes. Na comparação com os demais países emergentes, a diferença chega a 27% e, com os da América Latina, 29%. “O volume e a eficiência do investimento público têm um importante impacto no crescimento econômico. O Brasil tem um dos maiores níveis de despesas correntes na região e dos menores de despesa de capital”, afirmou a subchefe no Departamento de Finanças Públicas do FMI, Teresa Currissine.

O relatório afirma que estão em andamento reformas para tentar solucionar os desafios brasileiros e fortalecer a gestão do investimento público. “Dado o espaço fiscal limitado, o governo está buscando melhorar a eficiência do investimento público e promover mais investimento do setor privado por meio de concessões.”

PIB

Economia acelera no trimestre

RIO, SÃO PAULO, BRASÍLIA E BUENOS AIRES – A economia brasileira acelerou no terceiro trimestre do ano, ao registrar expansão de 0,8% em relação aos três meses anteriores, de acordo com o IBGE, que divulgou ontem (30) os números das Contas Nacionais. De abril a junho, a alta fora de 0,2%, resultado afetado pela greve dos caminhoneiros que parou o País em maio.

Mas o ritmo da recuperação segue lento e frágil. Desde que saiu da recessão no primeiro trimestre de 2017, o PIB tem avançado lentamente, em média, 0,5% por trimestre, segundo cálculos da economista Silvia Matos, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Se seguir nesse ritmo, só vamos recuperar as perdas com a recessão e superar o nível de antes da crise em 2021. Até lá, toda a expansão ocorrida de 2017 a 2020 só serviria para compensar as perdas registradas nos 11 trimestres de recessão, entre 2014 e 2016, quando a economia encolheu 8,1%. “Precisamos criar condições de uma economia crescer com mais força e de forma sustentável. Do contrário, essa fraqueza reduz o seu potencial de expansão. Reverter esse cenário depende da reforma da Previdência, do ajuste fiscal e do destravamento dos investimentos, tanto públicos quanto privados. A agenda é determinante para que o País volte a gerar empregos formais, melhore a renda das famílias e impulsione o consumo.”

No terceiro trimestre, a economia brasileira ainda operava 5% abaixo do pico, alcançado nos três primeiros meses de 2014. Segundo Rebeca Palis, coordenado-



CRESCIMENTO Indústria ajudou a puxar expansão de 0,8% em relação aos três meses anteriores

ra de Contas Nacionais do IBGE, a economia está produzindo o mesmo que no primeiro semestre de 2012: “Estamos com um crescimento contínuo, mas as taxas não podem ser consideradas expressivas”.

Segundo Silvia, dos quatro setores que têm sido responsáveis pela retomada do crescimento, apenas a indústria de transformação e o consumo das famílias têm se expandido um pouco acima da média geral para o PIB. O primeiro, em média 0,8% por trimestre, e o segundo, 0,6%. Os outros dois motores, os serviços e os investimentos, seguem com um desempenho mais fraco. Ambos têm crescido 0,4%, em média, a cada três meses.

Maurício Molan, economista-chefe do Banco Santander, diz que manter a confiança do consumidor e empresários no campo positivo é fundamental para que o consumo das famílias, que representa 64% do PIB, e os investimentos decolam em 2019: “Se o governo não tiver a capacidade de entregar o ajuste fiscal prometido, a confiança será abalada e o consumidor não compra nem o empresário investe ou gera empregos.”

A alta de 0,8% do PIB, em relação ao trimestre anterior, é a maior taxa desde o primeiro trimestre de 2017, quando a economia havia crescido 1,1%. “Parte dessa expansão reflete apenas a devolução de perdas ocorridas no

trimestre anterior, devido à greve dos caminhoneiros”, explicou Rebeca. Isso ocorreu em setores como a indústria de transformação, transportes e comércio, que tiveram altas de 0,8%, 2,6% e 1,1%, respectivamente.

O consumo das famílias não crescia tanto desde o terceiro trimestre do ano passado, quando expandiu 1,1%. Ele saiu do campo negativo no ano passado e, este ano, já acumula alta de 2%, quase o dobro do resultado geral do PIB no mesmo período (1,1%). Na avaliação dos economistas, essa melhora se deve a uma combinação de fatores: inflação menor, redução do endividamento das famílias, juros e desemprego menores.

LANCHAS

Estaleiro com DNA pernambucano

Tem nome inglês – New HD Boats –, mas identidade pernambucana, o mais novo estaleiro instalado em Itajaí, Santa Catarina, que está construindo e colocando no mercado quatro modelos de lanchas, dotadas não apenas de conforto, mas também de moderna tecnologia, que oferece, além de mais conforto, mais segurança e visibilidade. O estaleiro tem como controladores os empresários pernambucanos Eduardo Lacet e André Maranhão, que adquiriram a antiga HD Marine, com sede em Aracaju. De meados dos anos 90 e até 2009, foi uma das empresas líderes de mercado na construção e comercialização de lanchas de recreio. O estaleiro da HD Marine construía também rebocadores para a Petrobras, mas depois da crise deflagrada com a Operação Lava Jato, as encomendas da estatal de petróleo foram reduzidas a quase zero.

Segundo Eduardo Lacet, a New HD Boats poderia ter ficado em Pernambuco, mas a opção por Itajaí foi quase que uma imposição de logística: além de estar mais próximo do mercado consumidor de alto poder aquisitivo, o município catarinense tem longa tradição de engenharia náutica. Conta ainda como fator positivo estar a proximidade com fornecedores dos principais insumos utilizados na montagem de uma lancha. Ainda segundo o empresário, o governo de Santa Catarina também oferece incentivos fiscais para aquele setor – o que não acontece ainda em Pernambuco. Desde que come-

çou a operar em Itajaí, o estaleiro vem produzindo lanchas de 21 pés, 22 pés, 27,5 pés e 36 pés – todas reconhecidas como as que melhor navegam e oferecem mais conforto e segurança, sendo que as maiores contam também com um “espaço gourmet”.

“A HD Marine operou, produziu e comercializou mais de duas mil lanchas, que estão espalhadas por várias partes do País. Foram essa experiência e esse conceito de qualidade que nós adquirimos. Por incrível que pareça, hoje nós temos em Minas Gerais várias lanchas produzidas e negociadas já nessa nova fase, embora o Estado não seja banhado pelo mar. No entanto, os lagos mineiros gerados pela construção de barragens proporcionam as condições ideais para a navegabilidade de lanchas de recreio”, ressalta André Maranhão, lembrando que existe em Pernambuco uma empresa que comercializa as embarcações náuticas produzidas pela New HD Boats.

Já Eduardo Lacet destaca a expertise da mão-de-obra encontrada em Itajaí, não apenas de engenheiros náuticos, mas também de toda equipe que trabalha na produção de lanchas, o que eleva a produtividade do estaleiro e mantém o padrão de qualidade e de segurança. Segundo ele, ainda não se pensa em instalar em Pernambuco um segundo estaleiro – mas essa possibilidade não está totalmente descartada, dependendo dos rumos que tomará a economia brasileira.